Dia 22 — São Filipe Benício, Confessor

São Filipe Benício, comumente reputado fundador da religião dos servitas ou servos da Virgem, embora, falando com propriedade, como diz o Martirológio, só tenha sido propagador, teve por pátria a cidade de Florença e foi da nobre família Benizi, tão distinta e respeitada em todo o país. Nasceu pelos anos de 1233. Seu pai Jacó e sua mãe Albanda, igualmente recomendáveis por sua piedade que por sua nobreza, tiveram grande cuidado de dar-lhe uma cristã educação. Deu o menino muito desde logo presságios certos de sua futura santidade pelo afável de sua bela índole, por sua inclinação à virtude e, sobretudo, por uma antecipada devoção à Santíssima Virgem. Não tinha ainda um ano quando chegaram a pedir esmola na cidade de Florença alguns religiosos servitas; logo que o menino os viu, o céu soltou-lhe a língua, e exclamou milagrosamente: «Estes são os servos da Virgem»; prodígio que aumentou o amor e a atenção de seus pais, considerando-o desde então como quem havia de ser com o tempo a honra de toda a família.

Depois que acabou a gramática e as letras humanas em Florença, enviaram-no a estudar medicina em Paris. Logo se fez admirar naquela universidade a vivacidade e a penetração de seu engenho, a pureza de seus costumes e uma prudência extraordinária, pouco regular nos jovens de sua idade. Voltou à Itália e passou a continuar o mesmo estudo na universidade de Pádua, onde recebeu o grau de doutor. De volta a Florença, longe de deixar-se deslumbrar pelas brilhantes esperanças que o lisonjeavam, resolveu aspirar a outra glória mais sólida. Andava deliberando sobre o estado que abraçaria quando, numa quinta-feira da oitava da Páscoa, entrou para ouvir missa na capela dos servitas de Florença. Era pontualmente a epístola do dia a história da conversão daquele eunuco da rainha da Etiópia, e fizeram-lhe grande impressão aquelas palavras do Espírito Santo ao diácono Filipe: «Filipe, aproxima-te deste carro», parecendo-lhe, pela conformidade do nome, que lhas diziam a ele. Ocupado inteiramente com estes pensamentos, retirou-se a sua casa e pediu muito deveras à Santíssima Virgem que lhe desse a conhecer a vontade de Deus, passando em oração até a meia-noite. Nela teve a seguinte visão. Pareceu-lhe que se achava no meio de uma vasta e deserta campina, onde não via senão precipícios, penhascos, rochas escarpadas, lodaçais, serpentes, espinhos e laços estendidos por toda parte. Atemorizado com tão espantosa visão, começou a dar gritos com todas as suas forças, mas sem voltar do arrebatamento. Sossegou-o logo a Santíssima Virgem, que lhe apareceu sobre um resplandecente carro, rodeada de anjos e de bem-aventurados; e, repetindo-lhe as mesmas palavras que havia ouvido na missa, disse-lhe: «Filipe, aproxima-te e junta-te a este carro», mandando-lhe que entrasse na religião dos servitas, que acabava de fundar-se, figurada por aquele misterioso carro.

Contava somente quinze anos de fundação aquela religiosa Ordem, tão fecunda em santos e tão digna de veneração, sobretudo pela especial profissão que faz de servir à Santíssima Virgem e honrá-la com culto muito particular, tendo sido seu berço o Monte Senário, a três léguas de

Florença, aonde se haviam retirado sete mercadores da mesma cidade e serviam a Deus em comunidade sob a proteção da Santíssima Virgem, tomando o título de servos de Maria. Acabavam de fundar um hospício às próprias portas de Florença, com uma capela muito reduzida, na qual havia ouvido Filipe a missa no dia anterior. Não duvidando já de que Deus o chamava àquela religião que se ia formando, logo que amanheceu foi ao hospício e, lançando-se aos pés do padre Bonfílio, um dos primeiros fundadores, a quem os demais voluntariamente se haviam sujeitado, nomeando-o por superior, suplicou-lhe com muita instância e com não menor humildade que o admitisse em sua congregação no número dos irmãos leigos. Não conhecia o padre Bonfílio nem a qualidade nem os talentos do pretendente e assim o admitiu sem dilação na humilde classe que ele mesmo solicitava, enviando-o a Monte Senário para que se ocupasse nos ofícios mais abatidos da casa e nos trabalhos do campo. Nenhuma coisa era mais conforme aos desejos de sua profunda humildade; e soube dissimular com tanta destreza tanto sua sabedoria como seu nobre nascimento que ninguém pôde descobrir nele senão um grande fundo de juízo, de prudência e de virtude, que se fazia reparar não sem admiração.

Sua mortificação era extremada; e, como se não bastassem para domar seu corpo os excessivos trabalhos de suas ocupações, acrescentava outras penitências que espantariam os mais robustos. As ocupações exteriores não interrompiam nem sua contínua oração nem sua íntima união com Deus. Repartia o tempo com tanta economia que sempre lhe sobravam muitas horas para passá-las em oração diante de uma imagem da Santíssima Virgem e para retirar-se a uma gruta pouco distante da igreja, na qual acompanhava a meditação da paixão do Salvador com mortificações voluntárias, esquecendo as necessidades do corpo até passar três dias inteiros sem alimento. Consolava-se com a esperança de passar assim toda a sua vida trabalhando na própria santificação em favor de uma vida desconhecida e obscura, quando os superiores, reconhecendo nele uma prudência extraordinária, acompanhada de eminente virtude, o enviaram a Siena para que tivesse a inspeção de uma casa da Ordem que se estava fundando naquela cidade. Tinha consentido em que sempre se poderia manter no humilde estado de leigo; mas uma conversação que teve no caminho de Siena com dois padres dominicanos traiu seu humildíssimo espírito. Descobriram nele uma capacidade tão superior e uns talentos tão raros que logo representaram a seus superiores o agravo que se faziam a si mesmos e a toda a Igreja em ter escondida aquela resplandecente tocha debaixo do alqueire, persuadindo-os a que tratassem de elevá-lo ao sacerdócio. Facilmente descobriram eles mesmos este tesouro escondido logo que o examinaram; e, sem dar ouvidos nem à resistência de sua humildade, nem a seus rogos, nem a suas lágrimas, conseguiram dispensa de Roma para elevá-lo às ordens sagradas. Mal foi visto no altar, abriu caminho sua eminente santidade e rompeu todos os véus com que até então se havia procurado cobrir para ocultar seu raro mérito. Imediatamente foram-no ascendendo sucessivamente por todos os cargos da Ordem; fizeram-no definidor, depois assistente e, por fim, geral de toda ela. Ninguém o mereceu mais, e ninguém se teve por menos digno de sê-lo. Pôs em execução todos quantos meios soube e pôde para eximir-se do cargo, mas não foi ouvido. Conheceu então que havia outra vontade superior à sua e rendeu-se à disposição da divina Providência, a que já não podia nem devia resistir. Aplicou-se principalmente a estender o culto da Santíssima Virgem, que era o fim primário de seu sagrado instituto. Embora já se tivessem passado trinta e cinco anos desde os primeiros princípios da Ordem, mal havia feito progressos, reduzindo-se toda ela a uma casa e a dois ou três hospícios pequenos; mas, logo que nosso santo foi visto à frente de sua congregação, o mérito do geral a fez célebre e famosa. Concorriam de todas as partes em tropas a

pôr-se sob sua direção; a maior parte das cidades clamava por seus filhos, e nosso santo deu tanto voo e tanta reputação a sua Ordem que, embora fosse o quinto geral dela, todos convêm em considerá-lo como seu fundador. Não contribuiu pouco para isto um milagre que obrou fazendo uma viagem a Roma. Encontrou no caminho um pobre leproso quase inteiramente nu; não tendo ouro nem prata que dar-lhe, despojou-se de sua túnica, lançou-lha às costas e no mesmo instante ficou o leproso totalmente limpo e perfeitamente são. Encarregou-lhe, rogou-lhe e conjurou-o Filipe que não publicasse esta maravilha; mas pôde mais o agradecimento do leproso que a humildade do santo. Mas o lance em que resplandeceu com assombro sua modéstia foi quando fugiu da primeira dignidade de toda a Igreja por morte do papa Clemente IV. Estava a sé apostólica vacante havia cerca de três anos; juntos os cardeais em Viterbo, não podiam convir na eleição, quando de repente conspiraram todos em eleger o geral dos servitas, como ao sujeito mais digno que então se conhecia. Logo que o santo chegou a entender este projeto, fugiu secretamente às montanhas mais ásperas do território de Siena, não levando consigo mais que um religioso confidente seu, de quem se podia fiar com toda a segurança. Ali esteve escondido nas concavidades dos penhascos até que soube que já se havia dado um novo pontífice à Igreja, que foi o papa Gregório X. Foi gratíssimo a nosso santo aquele casual retiro, vendo-se na solidão a que sempre aspirava seu humilde coração e que tinha tantos atrativos para ele, logrando a tranquilidade daquele sossego para entregar-se todo o tempo à oração. Abandonou-se inteiramente aos rigores de uma penitência excessiva; seu jejum era austeríssimo e contínuo; seu alimento, ervas silvestres e insípidas; sua bebida, um pouco de água, e até esta lhe faltou logo, tendo-se secado o manancial pela qualidade daquele árido terreno. Mas diz-se que, tendo-o ferido três vezes com o báculo, cheio de confiança e de fé, brotou um jorro tão copioso que formou uma espécie de lago, ao qual desde então se dá o nome de Banhos de São Filipe, conservando-se até hoje no monte chamado Montagrate, e atribui-se aos méritos de nosso santo a virtude daquelas águas para curar muitas enfermidades.

Naquele retiro foi onde lhe deu a entender o Senhor ser sua vontade que levasse seu nome a outras províncias e estendesse nos países estrangeiros o culto e a singular devoção que professa sua Ordem à Santíssima Virgem. Com efeito, logo que saiu do deserto, nomeou um vigário geral da Itália em seu lugar e foi-se com dois religiosos a publicar em outras partes as grandezas da Mãe de Deus, pregando ao mesmo tempo penitência. Começou pela França, onde se viu com admiração o prodigioso fruto que faziam seus sermões, especialmente nas cidades de Avinhão, Toulouse e Paris, onde foi recebido como um novo profeta. Passou aos Países Baixos, à Frísia, à Saxônia, à Alta Alemanha, publicando em toda parte as grandezas da Santíssima Virgem, despertando, aumentando e propagando em todas elas o culto e a terna devoção à Mãe de Deus.

Empregou dois anos nesta apostólica missão; e, voltando à Itália, convocou um capítulo geral em Borgo, onde não poupou diligência alguma para que lhe admitissem a renúncia ao generalato. Longe de admitir-lha, todos os vogais a uma voz o declararam geral para toda a vida. Vendo-se, pois, obrigado a manter o cargo e a aperfeiçoar seu instituto, passou ao concílio geral de Lyon para solicitar sua aprovação, e conseguiu-a com todas as graças e elogios que merecia instituto tão sagrado. De volta à Itália, pacificou a cidade de Pistoia, cruelmente despedaçada havia tempo pelos sangrentos bandos de guelfos e gibelinos. Com igual felicidade trabalhou em pacificar as perturbações de Florença e reduziu os habitantes de Forlì a que voltassem a entrar na obediência do papa Martinho IV. Na verdade, seu ardente zelo o fez sofrer muitas humilhações e trabalhos.

Não podendo os rebeldes sofrer a veemência de seus sermões, lançaram-se sobre ele, despiram-no vergonhosamente, açoitaram-no pelas ruas públicas e expulsaram-no ignominiosamente da cidade; mas não foi sem fruto sua paciência. Um dos que mais o haviam maltratado, chamado Peregrino, moveu-se, arrependeu-se e escolheu a mesma Ordem de nosso santo para teatro de sua penitência. A que fizeram algumas mulheres perdidas que se converteram precisamente à vista de sua modéstia foi nobre testemunho de que nos santos tudo é sermão e tudo é eficaz.

Debilitada extraordinariamente sua saúde ao peso de seus trabalhos e ao rigor de suas penitências, conheceu que se aproximava seu fim. Embora desfalecido e sem forças, passou de Florença a Siena e de Siena a Perúgia, onde recebeu a bênção do papa Honório IV; e, tendo obtido novos privilégios para sua Ordem, encaminhou-se a Todi, cujos moradores lhe saíram ao encontro com ramos de oliveira nas mãos para recebê-lo como em triunfo. Entrou na igreja de seu convento e, prostrado diante do altar da Santíssima Virgem, exclamou: «Este será para sempre o lugar de meu repouso.» Assaltou-o uma febre no dia da Assunção de Nossa Senhora e passou toda a oitava em contínuos atos de amor de Deus, de afetos à Santíssima Virgem e de dor de seus pecados. No último dia da oitava mandou que lhe administrassem os sacramentos e depois ficou por três horas como morto. Voltado daquela espécie de desmaio, disse que o demônio havia feito todos os esforços que pôde para perdê-lo, mas que a proteção da Santíssima Virgem o havia livrado daquele perigo. Pediu depois seu livro, que assim chamava o crucifixo e, aplicando-o estreitamente ao peito, entregou a alma ao Criador no dia 22 de agosto de 1285, embora sua festa se fixasse no dia 23 por concorrer no dia 22 a oitava da Assunção. Três dias inteiros esteve o santo corpo sem ser possível dar-lhe sepultura pelo inumerável concurso de gente; e no ano de 1671 o canonizou o papa Clemente X com as solenidades costumadas.

São Hipólito, Bispo, Doutor da Igreja e Mártir

Este ilustre doutor da Igreja florescia no princípio do século III. São Jerônimo diz não ter podido saber de que cidade era bispo; mas Gelásio, em seu livro das duas naturezas de Jesus Cristo, chama-o metropolita da Arábia. Segundo refere Fócio, foi discípulo de Santo Ireneu, como também de Clemente, e mestre de Orígenes. Por Eusébio e São Jerônimo sabemos que escreveu comentários sobre muitas partes da Escritura, a cujo exemplo fez depois Orígenes o mesmo. Existia uma coleção de suas homilias no tempo de Teodoreto, que cita muitas delas: também havia uma carta dele à imperatriz Severa, mulher de Filipe, na qual tratava do mistério da Encarnação e da ressurreição dos mortos. Em sua obra contra Noeto, da qual nos resta uma parte considerável, prova claramente a distinção de pessoas na Trindade, a divindade do Filho de Deus, a distinção de naturezas em Jesus Cristo, e depois se serviram de sua autoridade com grande êxito contra os eutiquianos. Compôs uma crônica que acabava no ano de 222, a qual não se pôde achar em nenhum dos manuscritos gregos conhecidos. Seu ciclo pascal, que fixa o tempo em que deve celebrar-se a festa da Páscoa por espaço de dezesseis anos, começando no primeiro ano de Alexandre Severo, é a obra mais antiga que temos sobre esta matéria. Também temos alguns

fragmentos de seus comentários sobre a Escritura e sua homilia da Teofania ou Epifania, na qual fala principalmente do batismo de Jesus Cristo e dos maravilhosos efeitos do sacramento da regeneração. É sensível a perda de seu tratado sobre o jejum do sábado, cujo título era: *Se um cristão deve comungar todos os dias*; a dos hinos sobre a sagrada Escritura; a dos livros da origem do bem e do mal; a dos compostos contra Márcion, contra as heresias, etc. Nesta última obra refutava trinta e duas seitas, contando desde os dositeanos até Noeto, que confundia as pessoas na Trindade, dogmatizando em Esmirna em 245. Eis aqui o juízo de Fócio sobre nosso padre e doutor: «São Hipólito diz que estas trinta e duas seitas haviam sido refutadas por Santo Ireneu e que ele reuniu num livrinho os raciocínios deste padre. Seu discorrer é claro e grave; nada diz que não vá ao seu alvo; embora não se achem nele as belezas do estilo ático.»

Nas escavações feitas em 1551 perto da igreja de São Lourenço, fora de Roma, na estrada de Tívoli, achou-se entre as ruínas de uma igreja antiga de São Hipólito, distinto daquele cuja vida escrevemos, uma estátua de mármore que representava nosso santo sentado numa cátedra, em cujos lados havia gravados em caracteres gregos dois ciclos de oito anos cada um. Também se achou uma tábua dos títulos das obras que positivamente se sabe serem de São Hipólito. A estátua está atualmente na biblioteca do Vaticano.

Descobriu-se e publicou-se em 1661 o livro do Anticristo, composto por São Hipólito, do qual fazem menção Eusébio, São Jerônimo e outros. Não há dúvida de que é a mesma obra que a anunciada por Fócio. Dá nela o santo doutor, segundo Daniel e demais profetas, os sinais pelos quais se reconhecerá o Anticristo que há de vir antes do fim do mundo.

São Jerônimo chama a São Hipólito «homem santíssimo e eloquentíssimo». São João Crisóstomo e outros escritores eclesiásticos o apelidam manancial de luz, testemunha fiel, doutor santíssimo, varão cheio de doçura e de caridade. Teodoreto o põe na mesma classe que Santo Ireneu, chamando a ambos as fontes espirituais da Igreja.

São Jerônimo e outros autores antigos o qualificam de bispo e mártir; e alguns martirológios põem sua morte no reinado de Alexandre, que morreu em 235. Verdade é que Eusébio e São Jerônimo o supõem ter florescido no tempo deste príncipe; mas São Gregório de Tours e outros antigos citados por Du Cange e Schelstrate dizem que recebeu a coroa do martírio durante a perseguição de Décio, em 251. Ruinart e Berti adotaram este parecer, fundados principalmente em que o santo refuta a heresia de Noeto, que despontou pelos anos 245.

Os martirológios do século VIII, Jorge, o Sincelo, Zonaras e Anastásio dizem que São Hipólito foi bispo de Porto, na Itália.

Pelos escritos de São Hipólito vê-se que os fiéis da primitiva Igreja nunca perdiam de vista os juízos de Deus; caráter, segundo São João Clímaco, do verdadeiro discípulo de Jesus Cristo. Assim se mantinham continuamente no santo temor de Deus e na compunção; conservavam-se atentos em velar sobre todas as suas ações e em referir ao Senhor todas as suas obras; animavam-se ao desprezo dos falsos bens deste mundo, a sofrer gozosos os tormentos e a morte mais cruel antes que consentir no pecado. Este pensamento os sustentava principalmente nas tentações, conforme à máxima de São Basílio: «Se sois tentados, pensai naquele tribunal formidável diante do qual

comparecerão todos os homens.»

A Comemoração de São Fabrício e Sinforiano

Neste dia faz comemoração o Martirológio Romano de São Fabriciano e Sinforiano, com a expressão de que padeceram na Espanha, sem especificar-nos o lugar de seu triunfo nem os gêneros de martírio que sofreram. O cardeal Barônio, nas notas ao dito martirológio, observa constante a memória destes heróis espanhóis nas tábuas da santa Igreja de Toledo. Mas, não obstante nem o martirológio nem Barônio nos dizerem nada da vida e martírio, constando como consta seu culto continuado na nação, interessados alguns escritores pátrios na descoberta de suas atas, apesar da perda de monumentos antigos, muito natural num reino que tem sofrido tantas e tão repetidas irrupções inimigas, escrevem que foram naturais da província carpetana; e que, retirados do século, seguiram o tenor da vida cenobítica na antiga cidade Titúlcia, hoje Bayona, povoado perto do real sítio de Aranjuez. Isto acreditam as duas pinturas que se veem hoje na igreja do mesmo povoado, onde se representam vestidos os santos com hábito de monges; os quais, segundo nos dizem os mesmos escritores, padeceram martírio na cruel perseguição que suscitaram contra a Igreja os imperadores Diocleciano e Maximiano, no dia 22 de agosto, em que deles faz memória.

Martirológio Romano

A oitava da Assunção da bem-aventurada Virgem Maria.

Em Roma, no caminho de Óstia, a festa de São Timóteo, mártir, que foi preso por Tarquínio, prefeito da cidade, e atormentado com um longo encarceramento; mas, não tendo querido sacrificar aos ídolos, foi açoitado três diferentes vezes e, tendo padecido outros suplícios muito cruéis, foi por último decapitado.

Em Porto, São Hipólito, bispo, ilustríssimo por sua erudição, que, por ter confessado a fé brilhantíssimamente sob o imperador Alexandre, foi precipitado, atado de pés e mãos, num poço profundo cheio de água, alcançando assim a palma do martírio. Os cristãos sepultaram seu corpo no mesmo lugar.

Em Autun, São Sinforiano, mártir, que, tendo-se negado, no tempo do imperador Aureliano, a sacrificar aos ídolos, foi primeiro açoitado, depois encarcerado e consumou por fim seu martírio perdendo a cabeça ao fio da espada.

Em Roma, Santo Antonino, mártir, que, confessando em alta voz ser cristão, foi condenado pelo juiz Vitélio à degola, como se verificou; e seu corpo foi enterrado na via Aurélia.

Em Porto, São Marcial, São Saturnino, São Epitecto, São Maprílio, São Félix e companheiros, todos mártires.

Em Nicomédia, o suplício de Santo Agatônico, São Zótico e companheiros, mártires, sob o imperador Maximiano e o presidente Eutolmo.

Em Tarso, Santo Atanásio, bispo e mártir; Santa Antusa, nobre matrona batizada pelo dito santo, e doze servos seus, que padeceram sob o poder de Valeriano.

Em Reims, São Mauro e companheiros, mártires.

Na Espanha, São Fabrício e São Filiberto, mártires.

Em Pavia, São Gunifort, mártir.

Em Monthelon, diocese de Autun, Santo Eptádio, mártir, sob cuja invocação havia uma igreja no século X.

Em Todi, o trânsito de São Filipe Benício, quinto geral dos servitas, o qual cursou em Paris [...].

No dito dia, os santos mártires Or, Orópsides e Ireneu.

Em Neocesareia, no Ponto, os santos mártires Nectário e Sevo.

Missa (oração)

A missa é da oitava da Assunção, e a oração em honra do santo é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui per beatum Philippum, confessorem tuum, eximium nobis humilitatis exemplum tribuisti; da famulis tuis prospera mundi ex ejus imitatione despicere, et cœlestia semper inquirere. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que por meio de vosso confessor, o bem-aventurado Filipe, nos destes tão grande exemplo de humildade, concedei a vossos servos a graça de menosprezar todas as dignidades da terra e de aspirar sempre aos bens do céu. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»), e a mesma do dia XV, pág. 325.

Eclesiástico 24,11-20

> **Latim:** [11] et omnium excellentium et humilium corda virtute calcavi. Et in his omnibus requiem quæsivi, et in hæreditate Domini morabor. [12] Tunc præcepit, et dixit mihi Creator omnium : et qui creavit me, requievit in tabernaculo meo. [13] Et dixit mihi : In Jacob inhabita, et in Israël hæreditare, et in electis meis mitte radices. [14] Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. [15] Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. [16] Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea. [17] Quasi cedrus exaltata sum in Libano, et quasi cypressus in monte Sion : [18] quasi palma exaltata sum in Cades, et quasi plantatio rosæ in Jericho : [19] quasi oliva speciosa in campis, et quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. [20] Sicut cinnamomum et balsamum aromatizans odorem dedi ; quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris :

Português: [11] E pisei com o meu poder os corações de todos os grandes e pequenos: E em todos êstes busquei o descanso, e assentarei a minha morada na herança do Senhor. [12] Então o Criador do Universo me deu os seus preceitos, e me falou: E aquêle que me criou, descansou no meu tabernáculo, [13] e me disse: Habita em Jacó, e possui a tua herança em Israel, e lança raízes nos meus escolhidos. [14] Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. [15] E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. [16] E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência. [17] Crescendo me elevei como cedro no Líbano, e como cipreste no monte Sião: [18] Eu lancei em alto os meus ramos, como a palmeira em Cades, e como às plantas das rosas em Jericó: [19] Eu me elevei como uma formosa oliveira nos campos, e como o plátano nas praças à borda dágua. [20] Difundi um cheiro como o cinamomo, e o bálsamo aromático, espalhei como mirra escolhida suavidade de cheiro.

Nota

«Todas as expressões desta epístola são figuradas, segundo o estilo dos orientais. *Lancei raízes* entende-se aqui fixar-se no povo que Deus honrou com sua eleição; e este povo significa as almas dos santos. Todas as árvores e todas as flores odoríferas de que se faz menção são símbolos das virtudes da Santíssima Virgem, assim como no povo honrado estão figurados seus devotos.»

Reflexões

Aquele que me criou descansou em meu tabernáculo. Nestas palavras compreendem-se todos os maiores elogios que se podem dizer da Mãe de Deus. Admiramo-nos algumas vezes do pouco que se acha escrito na sagrada Escritura acerca das grandezas da Virgem, e até os menos zelosos de seu culto quereriam que o Evangelho se tivesse estendido mais em seus elogios. Mas que elogio mais nobre nem mais excelente nos poderia dizer o Evangelho; que coisa de maior estima, que expressão mais própria para encher todo o conceito que se pode formar de uma pura criatura do que dizer-nos: «Maria, da qual nasceu Jesus»? Basta penetrar bem estas duas palavras, *Mãe de Deus*, para que se dê por cabalmente satisfeito todo o zelo que se possa ter pela glória de Maria. Porventura pode o próprio Deus elevar uma pura criatura a mais alta dignidade? Fora da união hipostática, há ou pode haver comunicação mais íntima com a natureza divina que a divina maternidade? Esta é a base em que se funda a profundíssima veneração que toda a Igreja professou sempre à Santíssima Virgem; a grande distinção que sempre fez entre esta Senhora e todos os demais santos. É Maria Mãe de Deus; pois não há que temer nem excesso em seus elogios, nem indiscrição em sua confiança, nem superstição no religioso culto que lhe corresponde. Tendo destinado Deus a Maria para o augusto ministério que pôde caber nas altas ideias da Sabedoria incriada, inferiu a Igreja que necessariamente havia de derramar nela todos os tesouros de suas graças, cumulá-la de todos os seus favores e preveni-la com todos os privilégios que a poderiam proporcionar a sustentar com dignidade o alto e augustíssimo caráter de Mãe de Deus. Nisto se funda para julgar que foi imaculada e santa em sua conceição; porque pareceria indecência que a Mãe de Deus nem por um só instante fosse escrava do demônio; que ela só recebeu mais graças que todos os santos juntos, por ter sido escolhida para um fim mais nobre que todos eles; e que nem no céu nem na terra há pura criatura que se aproxime da santidade, do mérito, da glória, da inefável dignidade de Mãe de Deus. Por isso mesmo, depois de ter descoberto a Igreja todas as excelências que se compreendem neste glorioso título; querendo tributar à Mãe de Deus todo aquele culto que fosse proporcionado à elevação de sua separada classe; depois de ter esgotado as mais nobres, as mais enérgicas, as mais sublimes expressões para manifestar-lhe todo o respeito de que está altamente penetrada; pouco satisfeita de seus elogios e desesperando de achar vozes que correspondam a sua grandeza, exclama com Santo Agostinho: *Quibus te laudibus efferam nescio.* «Virgem santa, perdoa a baixeza e a desproporção de minhas palavras; não as encontro adequadas para manifestar-vos a veneração que vos professo; o número e a excelência de tuas perfeições me deslumbram e me surpreendem; não encontro termos bastantemente respeitosos; não se me oferecem palavras suficientemente magníficas para celebrar tuas grandezas; e todo o motivo de meu pasmo, de meu assombro, é considerar que és Mãe de todo um Deus»: *Quia quem cœli capere non poterant tuo gremio contulisti.* Mas, se a Igreja encontrou no título de Mãe de Deus um objeto tão digno de veneração para propor aos fiéis, ainda

achou neste mesmo título outra circunstância de maior consolação para nós. Nele descobriu aqueles infinitos tesouros de graças que apresenta a seus devotos e a seus filhos; nele descobriu uma generosa redentora, para explicar-me desta maneira; uma medianeira todo-poderosa; um asilo sempre franco a todos os pecadores; uma mãe cheia de ternura para com todos os homens; porque tudo isto diz quem diz Mãe de Deus. Sim; seguramente podemos dizer com a Igreja, com os concílios e com os padres que ser Mãe de Deus é ser em certo sentido redentora dos homens, causa da salvação do universo; é aprontar aquele sangue que se derramou por nós na cruz; é formar o adorável corpo que serviu de resgate por todo o gênero humano; é produzir da mais pura porção de si mesma aquela adorável vítima que há de aplacar a cólera de um Deus irritado; é arrancar-se com violência do mais amável filho dos homens para vê-lo cravado numa afrontosa cruz por nosso amor. Depois de umas provas tão ilustres de seu amor, quem duvidará de seu poder? Quem porá limites a sua confiança? *Pete, mater mea.* «Não, Mãe minha, não vos aproveiteis com reserva de meu poder», diz-lhe seu Filho, com mais razão que Salomão o disse a sua mãe Betsabé. E isto é o que acendeu tanto a eloquência dos padres nos louvores da Virgem. Ditosa a alma que coloca sua esperança em Maria; ditoso aquele que, cheio de amor e de veneração ao Filho, desde sua meninice aprende a reclamar a proteção da Mãe; ditoso aquele que, depois de Deus, põe nela toda a sua confiança.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas, e o mesmo do dia XV, pág. 328.

Lucas 10,38-42

> **Latim:** 38 Factum est autem, dum irent, et ipse intravit in quoddam castellum : et mulier quædam, Martha nomine, excepit illum in domum suam, 39 et huic erat soror nomine Maria, quæ etiam sedens secus pedes Domini, audiebat verbum illius. 40 Martha autem satagebat circa frequens ministerium : quæ stetit, et ait : Domine, non est tibi curæ quod soror mea reliquit me solam ministrare ? dic ergo illi ut me adjuvet. 41 Et respondens dixit illi Dominus : Martha, Martha, sollicita es, et turbaris erga plurima, 42 porro unum est necessarium. Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea.

Português: 38 E aconteceu, que como fossem de caminho, entrou depois Jesus em huma aldeia: e huma mulher por nome Martha, o hospedou em sua casa: 39 e esta tinha huma irmãa chamada Maria, a qual até sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. 40 Martha porém andava toda affadigada na contínua lida da casa: a qual se apresentou diante de Jesus, e disse: Senhor, a ti não se te dá que minha irmãa me deixasse andar servindo só? dize-lhe pois que me ajuda. 41 E respondendo o Senhor lhe disse: Martha, Martha, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidar em muitas cousas. 42 Entretanto só huma cousa he necessaria. Maria escolheu a melhor

parte, que lhe não será tirada.

Meditação

Das grandes graças e singulares favores que nos granjeia a verdadeira devoção à Virgem

Primeiro ponto

Considera que a verdadeira devoção à Santíssima Virgem é um perene e inesgotável manancial dos maiores favores do céu. Vivemos todos num país inimigo; que perigos, que tentações, que laços não se armam nele à inocência! Não só é preciso vigilância, mas valor e força para resistir ao inimigo da salvação. Animam-no nossas quedas, tornam-no formidável nossas misérias, e as ocasiões tão frequentes põem nossa salvação em grande perigo. Muitos auxílios são necessários para livrar-nos dele; e quem poderá prometer-se a vitória sem uma poderosa proteção? Mas o verdadeiro devoto da Santíssima Virgem tem um grande recurso. Serve a uma rainha que exerce um poder sem limites sobre todo o inferno; está a serviço da heroína que esmagou a cabeça da serpente infernal; reconhece por mãe a distribuidora de todas as graças. Seu poder é sem medida, e sua bondade é igual a seu poder. Torre de Davi a chama a Igreja. *Mille clypei pendent ex ea*: mil escudos estão pendentes desta torre, e dela pendem todas as armas dos mais valentes. Onde se pode encontrar melhor defesa nem maior segurança? A verdadeira devoção à Santíssima Virgem nos assegura todos estes defensivos. Se nos protege a Mãe de Deus, que podemos temer neste lugar de desterro? Se nos defende a Mãe de misericórdia, que acidente ou que inimigo nos poderá ofender? E, se é tão liberal até com aqueles que a olham com indiferença, que liberalidade não usará com seus fiéis servos e com seus amados favorecidos? «Todos os bens me vieram (diz Santo Antônio) pela devoção à Santíssima Virgem»: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa.* «Tens a dita de ser contado no número dos servos de Maria? (diz o sábio Idiota): encontraste Maria? Pois faze conta de que encontraste nela todos os bens»: *Inventa Maria virgine, invenitur omne bonum.* Não poupou meio algum o demônio para fechar aos cristãos estas entranhas de misericórdia, para privar os pecadores deste asilo, inspirando a todos os hereges o infernal intento de sufocar a devoção à Mãe de Deus. Não houve herege que não tenha procurado desacreditá-la, condená-la e desterrar do coração dos fiéis a confiança na Santíssima Virgem; mas a Igreja redobrou seu zelo, sua devoção e seu culto à medida que a heresia foi multiplicando sua malignidade e seus artifícios. Que maior honra nem que maior dita que estar na graça de Maria, que viver inteiramente dedicado a seu serviço! Professar-vos uma singular devoção, ó Virgem santa, é o mesmo que ter as armas defensivas que Deus põe nas mãos dos que quer salvar. Vós sois asilo e sagrado de todos os que se refugiam nele. Que seria de nós se vós nos desamparásseis? *Si tu nos deserueris, quid de nobis fiet?*

Segundo ponto

Considera que a Santíssima Virgem não se contenta com defender seus servos contra as tentações do inimigo, mas os consola em suas tristezas, os assiste em seus perigos, os sustenta em seus combates, os alivia em seus trabalhos; porque tudo isto quer dizer o título de Mãe de misericórdia; e isto mesmo significam tantas devoções, tantas confrarias e tantas congregações como estão erigidas em honra da Mãe de Deus com diferentes títulos: Nossa Senhora da Esperança, da Vitória, do Refúgio, da Escravidão, da Piedade. Quando a Igreja aprova estes títulos, cheios de tanta consolação, quer descobrir-nos os imensos tesouros de graças e aquele inesgotável jorro de bênçãos que se acha no serviço da Santíssima Virgem. Certamente não se reconhecem bem os indizíveis proveitos que traz consigo esta devoção. Conheciam-nos os santos, que não achavam vozes, termos nem expressões bastantemente significativas para explicar os afetos de seu amor, de sua veneração, de sua confiança, de sua ternura e de sua admiração à Mãe de Deus. Mas, entre todos os benefícios que nos facilita esta devoção, deve ter o primeiro lugar em nossa estima o dom da perseverança e a graça de uma santa morte. É aquele último instante o momento mais crítico e a necessidade mais apurada; e naquela hora decisiva é onde experimentam sua poderosa proteção os verdadeiros devotos de Maria; não se mostrando nunca mais liberal esta Mãe de misericórdia com os que a honram do que naquele ponto decisivo de sua eterna salvação. Conhecendo a Igreja quanta necessidade temos desta soberana e poderosa proteção naquela hora, faz menção particular dela em suas orações. *Nunc et in hora mortis nostræ*, repete muitas vezes ao dia na saudação angélica. *Tu nos ab hoste protege, et hora mortis suscipe*, diz em outra parte; tão persuadida está de que nos é absolutamente necessária a assistência da Santíssima Virgem naquele perigoso momento. Mas quem poderá prometer-se mais racionalmente, com maior segurança, esta poderosa proteção do que os verdadeiros devotos de Maria? Poderá esquecer naquele perigo os que a honraram e amaram toda a vida? Que maior consolação na última enfermidade que morrer sendo verdadeiro devoto de Maria? Que sentença tão favorável não poderá esperar do supremo Juiz quem logra a proteção de sua Mãe? A confiança bem fundada na bondade da Santíssima Virgem adoça todas as amarguras daquele último momento, desterra os temores e serena o coração. Poucos verdadeiros devotos da Santíssima Virgem se acharão que não morram com uma doce e piedosa tranquilidade, presságio prudente de sua eterna salvação.

Ah, Virgem santa, que ansioso desejo tenho eu de amar-vos, de servir-vos e de honrar-vos! Dedico-me, Senhora, inteiramente e sem reserva a vosso santo serviço; e, se tivestes algum servo fiel por todos os dias de sua vida, esse quero eu ser enquanto me durar a minha.

Jaculatórias

> *Eia ergo, advocata nostra, illos tuos misericordes oculos ad nos converte.* Salve Rainha.

Eia, pois, advogada nossa, volta a nós esses teus olhos misericordiosos.

> *Sentiant omnes tuum juvamen quicumque celebrant tuam sanctam commemorationem.* Hino da Igreja.

Experimentem, Senhora, tua poderosa proteção todos aqueles que te invocam reverentes.

Propósitos

1. Entre tantos piedosos ardis e devotos exercícios como a devoção à Mãe de Deus inspirou a seus verdadeiros servos, nenhum é mais agradável a esta Senhora nem de maior utilidade a todos os fiéis que o perpétuo culto da Santíssima Virgem, estabelecido com autoridade da Sé Apostólica nas principais cidades do reino da França e, de algum tempo a esta parte, no hospital da cidade de Lyon, onde é singularmente reverenciada a Santíssima Virgem. O principal fim daquela piedosa congregação, a qual concedeu grandes indulgências o papa Clemente XI, é render à Rainha do céu e da terra um culto público e perpétuo, e isto por dois motivos, ambos muito próprios para excitar a cristã piedade. O primeiro é de amor e de reconhecimento, o qual nos empenha em amar, louvar e reverenciar incessantemente a mais pura de todas as criaturas, que nunca cessa de amar-nos nem de fazer-nos bem por sua poderosa intercessão, que continuamente emprega em benefício nosso junto a seu querido Filho e nosso Salvador. O segundo motivo é de zelo, o que todos os verdadeiros fiéis devem ter pelos interesses da Mãe de Deus, nossa mãe comum. E, assim como em todos os tempos houve inimigos declarados de Maria que intentaram desacreditar o religioso culto que se lhe deve e arrebatar-lhe por este meio uma parte de sua glória, assim também parece justo solicitar-lhe e procurar-lhe por esta fundação multidão de fiéis servos que, em todos os tempos e sem interrupção, a honrem, reparando, quanto for possível, os ultrajes que em todos os séculos recebeu dos hereges. Esta preciosa ideia de uma devoção tão justa, de tanto proveito e tão conforme aos intentos de Deus deve cativar um coração inclinado à piedade e sensível ao reconhecimento. Que coisa mais justa que a mais perfeita, a mais santa, a mais excelente, a mais elevada em dignidade e a mais amável de todas as puras criaturas receba contínuos cultos daqueles que creem em sua santidade, em sua eminente qualidade de Mãe de Deus e se querem aproveitar de seu valimento? Daqueles, enfim, que, reconhecendo-a por sua rainha, por sua mãe, por sua advogada e por seu refúgio, confiam com razão em seu poder e em sua bondade? Certamente, se Maria ama os que a amam: *Ego diligentes me diligo*; se se interessa particularmente em favor daqueles que a honram e a servem, que graças não conseguirá para seus piedosos e fiéis congregantes, que não poupam meio algum para solicitar-lhe tão grande honra! Que bênçãos do céu não alcançará para os povos onde se erige tão religiosa congregação! Faze quanto puderes para alistar-te nela. Emprega tua autoridade e teu zelo em fazer que se funde onde não estiver fundada; e procura ter um livrinho intitulado: *Instrução para os congregantes do culto perpétuo da Santíssima Virgem*, impresso em Lyon, na oficina dos irmãos Bruyset, rua Mercière; reza com frequência a oração seguinte, em que se contém o culto que se deve a esta Senhora.

2. «Ó santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, rainha do céu e da terra, soberana dos anjos e dos homens, eu creio com profundo rendimento de coração e de juízo tudo o que a fé cristã me ensina

de vós; e, em particular, creio firmemente que sois real e verdadeiramente Mãe de Deus. Confesso que por esta divina maternidade mereceis um culto particular, devido só a vós. Confesso que só Deus é superior a vós e que tudo o que não é Deus está sujeito a vosso império. Reconheço que todos os anjos, todos os santos e todos os homens são vossos vassalos e vossos servos; que mereceis toda a sua veneração, todo o seu rendimento, todos os seus serviços, todos os seus louvores, todo o seu zelo e todos os seus respeitos. Confesso que, quando o Criador do universo se fez filho vosso, vos elevou a uma glória incompreensível a todo entendimento criado; e, assim como nenhuma pura criatura pode compreender vossa dignidade, assim tampouco nenhuma é capaz de render-vos um culto digno de vós. Pois que poderei fazer eu, pobre e miserável pecador, para honrar-vos? Com tudo isso, visto que não desdenhais meus obséquios, ó soberana Rainha do mundo, cuja bondade e cuja misericórdia são iguais a vosso poder e a vossa dignidade, recebei de mim a veneração que vos é devida. Prostrado, pois, aos pés de vosso trono, ó Mãe de misericórdia, mãe de meu Redentor, que reinais sobre os serafins, diante de cuja majestade é sombra a majestade de todos os reis, tributo-vos a mais sincera, a mais humilde, a mais profunda honra que me é possível, depois da que rendo a meu Deus. Reconheço-vos por minha soberana Senhora, em quem, depois de Deus, coloco toda a minha confiança; tenho-me por ditoso em conhecer-vos, em pertencer-vos e em servir-vos. Mas, porque minha pequenez não me permite oferecer-vos coisa alguma que seja digna de vós, uno meus cultos aos dos serafins e a todas as honras que recebestes do próprio Jesus Cristo, vosso Filho. Consagro-me a vós para sempre, ó augusta imaculada Virgem; recebei-me no número de vossos escravos e dignai-vos fazer que eu cumpra perfeitamente as obrigações que vossa sublime qualidade de Mãe de Deus me impõe de respeito, de obediência, de amor, de zelo e de ardente desejo de consumir-me pela glória de vosso Filho e pela vossa. Faço um firme propósito, ó divina Mãe, de renovar incessantemente a vossos sagrados pés a homenagem que neste dia vos rendo. Ditoso eu se com meu exemplo e com meu zelo pudesse contribuir para perpetuar vosso culto, segundo o fim que me propus, dedicando-me a vosso serviço nesta devota congregação. Assim seja.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:43 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:43 by Admin